

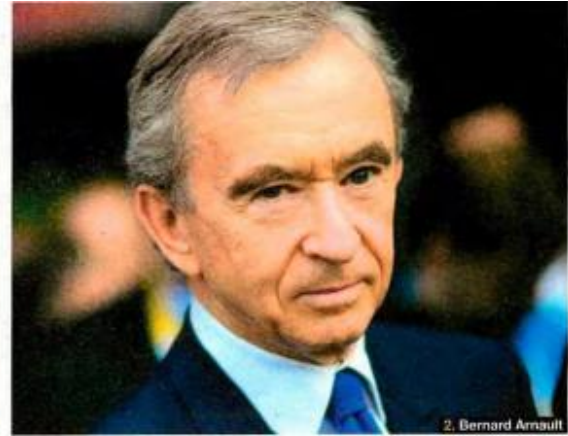
B ZOOM // BILIONÁRIO
TÊM TANTA RIQUEZA
COMO 60% DA POPULAÇÃO



S
AÇÃO

As 22 pessoas mais ricas do planeta têm tanta riqueza como todas as mulheres em África. À medida que se vão desconstruindo, os números vão ficando cada vez mais claros: 2153 bilionários têm tanta riqueza como 4,6 mil milhões de pessoas, o equivalente a 60% da população mundial. E a desigualdade vai de braços dados com o sexismo, argumenta a Oxfam.

TEXTOS *Filipe Teles*
FOTOGRAFIA *Dreamstime*



A desigualdade tem rosto feminino, diz a Oxfam

Raparigas e mulheres fizeram 12,5 mil milhões de horas de trabalho doméstico não pago, diz a Oxfam International. Uma contribuição anual equivalente ao triplo da indústria tecnológica.

FILIPETELES
filipe.teles@online.pt

Nos últimos anos a história tem sido a mesma: a desigualdade aumenta para números assustadores, ricos aglomeram cada vez maiores fortunas enquanto os pobres perdem poder económico. Em 2018 a Oxfam International, uma confederação de organizações de caridade e de combate à pobreza, anunciou que 82% da riqueza gerada no ano ante-

rior foi para o 1% da população mais rica, enquanto os 3,7 mil milhões que compõem a população mais pobre não viram a sua riqueza aumentar. No ano seguinte, a organização escreveu no seu relatório anual: "As fortunas bilionárias aumentaram 12% o ano passado (2018), enquanto os 3,8 mil milhões que constituem a metade mais pobre da humanidade viram a sua riqueza diminuir". Este ano a organização, no relatório publicado esta segunda-feira, foi mais

criativa para ilustrar o mesmo fenómeno: "Os 2153 bilionários têm mais riqueza do que 4,6 mil milhões de pessoas que representam a população do planeta". E vai mais longe: "A desigualdade económica está fora de controlo".

O comunicado de imprensa do relatório publicado na véspera do encontro do Fórum Económico Mundial em Davos, como é tradicional todos os anos, continua: "A desigualdade global está chocantemente enraizada e o vasto número de bilionários dobrou na última década".

Segundo o presidente-executivo da Oxfam India, Amitabh Behar, "o fosso entre ricos e pobres não pode ser resolvido sem políticas deliberadas de combate à desigualdade, e poucos governos estão comprometidos com estas". Behar estará em Davos (Suíça) para representar a organização. "As nossas economias doentes estão a cobrir os bolsos de bilionários e grandes empresas às custas de homens e mulheres comuns. Não é de admirar que as pessoas estejam a começar a questionar se os bilionários deveriam existir".

MILHARES DE MILHÕES DE HORAS A desigualdade tem principalmente um rosto feminino. Raparigas e mulheres, em



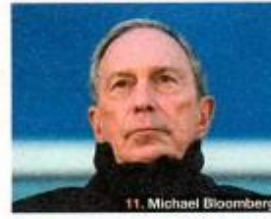
8. Carlos Slim



9. Larry Page



10. Sergey Brin



11. Michael Bloomberg



12. Steve Ballmer



13. Françoise Meyers



14. Mukesh Ambani



15. Jim Walton



16. Alice Walton



17. Rob Walton



18. Jack Ma



19. Ma Huateng



20. Charles Koch



21. Julia Koch & família



22. Sheldon Adelson



2019, fizeram 12,5 mil milhões de horas de trabalho doméstico não pago todos os dias, diz a Oxfam International – acrescentando que mais de três quartos de todo o trabalho doméstico não pago é realizado por mulheres. O número é estrondoso: representa uma contribuição para a economia global de 10,8 biliões de dólares anuais (9,75 biliões de euros), três vezes o tamanho da indústria tecnológica. “Mulheres e raparigas estão entre aqueles que menos beneficiam do sistema económico de hoje. Gastam milhares de milhões de horas a cozinhar, a limpar e tomar conta de crianças e idosos”, afirmou Behar. “Trabalho doméstico não pago é o motor escondido que mantém as rodas das nossas economias, empresas e sociedades a moverem-se”.

O caráter sexista da economia mundial, como adjectiva a Oxfam, está intimamente ligado ao trabalho reprodutivo, pago ou não pago. “As mulheres são aquelas que mais necessitam de sistemas públicos de provisão, que vão da saúde à educação, à habitação, devido à sua maior vulnerabilidade social hoje”, diz ao i Catarina Príncipe, doutoranda de Economia Política no ISCTE e investigadora júnior do CES.

Para combater este flagelo a Oxfam propõe investimentos públicos, como no saneamento, nos sistemas hídricos, sistemas de eletricidade e na prestação de cuidados para libertar um pouco da carga de trabalho que acaba por cair em cima das mulheres. “O relatório aponta, e corretamente, a necessidade da intervenção dos estados para a criação de serviços públicos que reconhe-

Números

1%

O topo da pirâmide dos mais ricos do planeta tem mais do dobro da riqueza de 6,9 mil milhões de pessoas

0,5%

É o aumento de impostos sobre os 1% mais ricos suficiente para criar 117 milhões de postos de trabalho

çam o trabalho reprodutivo enquanto trabalho”, acrescenta.

As mulheres compõem dois terços da força de trabalho destinada para o setor: enfermeiras, trabalhadoras domésticas e auxiliares de assistência são muitas vezes mal remuneradas, têm poucos benefícios e são-lhes impostos horários irregulares que podem causar danos físicos e emocionais, explica a Oxfam. “O documento diz também que esse reconhecimento pode acontecer através da iniciativa privada, o que já me parece mais problemático”, aponta Príncipe. “A iniciativa privada no área do trabalho dos cuidados tende a criar mercados mal-pagos e com baixas qualificações, e aos quais as próprias mulheres que neles trabalham não conseguem aceder por terem rendimentos demasiado baixos, continuando, assim, a ter que fazer uma grande parte do trabalho reprodutivo na esfera doméstica”.

PRESSÃO AUMENTA Estima-se que a pressão sobre as mulheres na prestação de cuidados continue a aumentar esta década, a braços dados com o crescimento da população mundial. Em 2030, diz a Oxfam, prevê-se que cerca de 2,3 mil milhões de pessoas necessitem de assis-

tência, um aumento de 200 milhões em comparação com 2015. Para piorar, as alterações climáticas também entram na equação. Até 2025, por volta de 2,4 mil milhões de pessoas viverão em zonas sem água suficiente, obrigando as mulheres a caminharem distâncias ainda mais longas para o abastecimento dos seus lares. “Por exemplo, fornecer o acesso a uma fonte de água aprimorada pode poupar às mulheres em partes do Zimbábue até quatro horas por dia ou dois meses por ano”, afirma a Oxfam.

A organização não deixa de apontar críticas aos governos mundiais, culpando-os por criarem a “crise da desigualdade”. “Têm que assegurar que as grandes empresas e os indivíduos mais ricos paguem a sua quota-parte”, diz Behar. E basta que o 1% da população mais rica pague 0,5% de mais impostos, nos próximos dez anos, para criar o investimento público necessário para criar 117 milhões de postos de trabalho nos setores de prestação de cuidados de saúde, na assistência aos idosos e às crianças em serviços educativos. “Esta grande divisão é baseada num sistema económico sexista que valoriza a riqueza de poucos privilegiados, principalmente homens”, vinca o documento da Oxfam.